

OS DESAFIOS DO COMPLEXO DE SUAPE E A MENSAGEM QUE NOS COMUNICA. -

14.10.2011 – 12h

Por Antônio Iran Gadelha, Assessor Técnico do DDR / SEPLAN



Fonte: Projeto Thecna/UFAM/UFRJ-CPPE

Adaptação: SEPLAN / SEAP/DDR – Edmar Lopes Magalhães

O Sr. **Jorge Abrahão**, presidente do Instituto Ethos, recentemente - 6/9/2011 - elaborou um artigo intitulado “*Suape: novos horizontes e velhos problemas*”, artigo publicado originalmente no *site* do Instituto Ethos, em que salienta o dinamismo sustentado no Estado de Pernambuco como resultado da implantação de tal empreendimento. Nesse artigo, evidencia a conjuntura econômica atravessada por Pernambuco, com um crescimento comparável ao desempenho dos países asiáticos e superando em valores relativos aqueles conseguidos até mesmo no Sul e Sudeste brasileiros, as regiões mais ricas e desenvolvidas da União, portanto com maior potencialidade para aumento proporcional do Produto Interno Bruto, dada a infraestrutura econômico-social e a efetiva existência de poder de compra que possui. Enfatiza, textualmente, que “*Pernambuco vive um período de industrialização comparável ao que o “Sul Maravilha” conheceu nos anos 1930-1960, tudo puxado pelo Complexo de Suape*”. Observa-se, nesse documento, como é importante ter capacidade de se efetuar transporte em maior escala e em menor custo para acesso a mercados e de utilizar o incremento do sistema da navegação, dependente do investimento na implantação de estaleiros, cuja operação, de modo positivo, interage com todas as outras diversificadas funções de produção, além de acelerar a materialização de potenciais empreendimentos, mesmo sem próxima ou imediata relação com a indústria de construção naval. Pensando bem, não seria essa uma solução semelhante de que o estado do Amazonas necessita para solver sua insegurança econômica, diante de repetidas e disfarçadas ameaças à Zona Franca de Manaus, inclusive com fictícios apelos-fantasma à **vocação** de aproveitamento extrativista da floresta natural? Não menos que Pernambuco com sua quase falência da indústria canaveieira, no Amazonas, atravessou-se um longo período de depleção na formação e geração de riqueza, com a quebra do sistema produtivo da borracha. Agora, nos dias atuais, dispõe-se de um amplo mercado com cerca de 80.000 embarcações antigas e inadequadas aos requerimentos do transporte de cargas e passageiros, com mais de 70% construídas em madeira e que precisam ser substituídas, e apenas 1.379 novas embarcações inscritas na Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental – Marinha do Brasil, nos últimos cinco anos. Operam no Estado duas grandes empresas de petróleo, com declaradas possibilidades de aumento da produção de óleo e gás, que irão certamente necessitar de aumento da frota de embarcações para atender a novos patamares de produção. Todo esse conjunto mostra um mercado identificado: demanda de navios, grandes balsas, barcos para transporte misto de cargas e passageiros, flutuadores, lanchas de passeio e turismo e toda uma Amazônia Ocidental cheia de potencialidades para serem aproveitadas. Para ampliar tantas oportunidades, ainda existem as vantagens dos benefícios fiscais da União e do Estado de que os investidores estrangeiros já possuem conhecimento. Há demonstrado interesse de empresários de diversos países em localizarem aqui os seus empreendimentos, portanto o tão esperado Distrito Naval tem de acontecer. Esse é o ensejo que não poderá ser ignorado. A hora é de construir a infraestrutura para esse acontecimento e, conhecendo a experiência de Suape, com um bom projeto, erros poderão ser minimizados e pecados lá detectados, ainda que acompanhando a dinâmica que esse complexo criou. Assim, por certo,

aqui serão evitadas destruições comprometedoras e controladas para o menor e possível passivo ambiental, com a vantagem de poder criar um complexo com aeroporto, porto, estrada de ferro e rodovia a fim de servir a diferenciadas atividades: construção e previsão de área própria a hotéis e residências, com arruamento largo que atenda a um tráfego pesado, sem as inconveniências ocorridas em Pernambuco. Toda a questão poderá ser resolvida com um bom projeto, que venha acompanhado de apreciação de especialistas, e a decisão de ser agora, momento mais que propício. Já se observa um movimento de parceria do governo com a iniciativa privada local, cujo contato poderá ser estendido ao exterior, onde - quem sabe - está a origem de aporte de recursos complementares ou suplementares à concretização de tão importante empreendimento, de maneira tal que venha a ser exatamente a solução da logística esperada para os serviços do PIM – Polo Industrial de Manaus. Relembre-se também que o Polo da Indústria de Construção Naval deveria ter existido concomitantemente com os outros Polos implantados e, certamente, com resultados efetivos iguais ou melhores aos que estão em progressivo funcionamento. Se Suape já é o êxito, o Polo da Indústria de Construção Naval em Manaus será, sem dúvida, uma grande esperança realizável.